

***Revelando Tramas, Descobrimo Segredos:
violência e convivência nas escolas***

Miriam Abramovay (coord.)
Anna Cunha
Priscila Calaf

SUMÁRIO EXECUTIVO

INTRODUÇÃO

A Rede de Informação Tecnológica Latinoamericana (RITLA), em parceria com a Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF/GDF), está realizando um *Plano de Convivência Escolar na Rede Pública de Ensino*. Este Plano tem como objetivo incentivar a boa convivência nas escolas e a reduzir as diversas violências que ocorrem nos estabelecimentos educacionais. Neste processo, foi realizada a pesquisa *Revelando Tramas, Descobrimo Segredos: violência e convivência nas escolas*, que se dedicou à realização de um diagnóstico sobre a convivência escolar. Isto implicou em uma investigação aprofundada das relações sociais travadas nas escolas: os conflitos latentes e expressos, as percepções de alunos, professores e equipe de direção sobre as escolas, os conflitos e as violências. Foi possível, desta maneira, mapear o que se pensa e o que acontece em relação à violência e à convivência nas escolas do DF.

A pesquisa conjugou metodologias quantitativas e qualitativas para a coleta de dados. O esforço de trabalhar com as duas abordagens de pesquisa partiu do pressuposto de que a realidade social deve ser analisada em sua complexidade, o que fez com que a combinação de técnicas de pesquisa e análise emergissem como opção mais viável. Por exemplo, somente as falas dos próprios sujeitos possibilitaram a compreensão da importância dada às relações sociais (e seus significados) e perceber as contradições nelas existentes, enquanto os números coletados permitiram analisar a amplitude dos fenômenos ocorridos dentro das escolas.

Para a pesquisa quantitativa, foram selecionadas aleatoriamente 84 escolas públicas de Ensino Regular com mais de 500 alunos por Diretoria Regional de Ensino (DRE). Para as regionais que não possuíam o número suficiente de escolas com mais de 500 alunos (Guará e Brazlândia para o Ensino Fundamental; e Paranoá, Recanto das Emas e São Sebastião para o Ensino Médio) foram selecionadas escolas cujo número de alunos fosse o mais próximo possível de 500. Esse processo ocorreu de forma que não houvesse comprometimento da amostra. Para a pesquisa qualitativa, foram selecionadas 6 (seis) escolas, sendo 4 (quatro) de Ensino Fundamental (5ª a 8ª série) e 2 (duas) de Ensino Médio. Cada DRE, em conjunto com os diretores das escolas sorteadas para a primeira fase, pôde escolher 1 (uma) escola. As exceções foram a DRE do Núcleo Bandeirante e a DRE do Plano Piloto/Cruzeiro, pois agrupam grande número de escolas e abarcam realidades sociais muito diversas em suas diretorias. Portanto, estas duas Regionais puderam escolher 2 (duas) escolas, cada uma, para participar desta fase da pesquisa. Ressalta-se que qualquer escola poderia ter sido sorteada/escolhida, diante da aleatoriedade do critério de seleção dos estabelecimentos a serem pesquisados,

fazendo com que os dados sejam representativos de todos os alunos, professores e equipes de direção de todas as escolas do Distrito Federal (ver anexo 1).

De junho a setembro de 2008 foram aplicados cerca de 10 mil questionários para alunos e 1300 para professores e membros da direção. De junho a dezembro de 2008 foram realizadas entrevistas e grupos focais com alunos, professores, equipes de direção, além de policiais e seguranças privados das escolas. Foram realizadas, também, observações de campo por todos os pesquisadores envolvidos na pesquisa. Ainda, os alunos das escolas pesquisadas escreveram redações sobre os seguintes temas: "Imagine que você tem um grande amigo que não mora em Brasília. Escreva uma carta para ele contando como é seu dia – desde a hora que você sai de casa para a escola até voltar para casa. (Fale, por exemplo, do que você mais gosta, na escola, do que você tem medo e sua opinião sobre as pessoas das escolas)". (ver anexo 1)

A iniciativa de desenvolver uma pesquisa sobre convivência escolar e violência nas escolas com a finalidade de embasar ações concretas, levada a cabo pela Secretaria de Educação do Distrito Federal, é um empreendimento pioneiro no Brasil. Corresponde a uma etapa fundamental para compreender e retratar a realidade como passo importante na tentativa de estimular uma atmosfera não-violenta nas escolas e a criação do hábito do diálogo e da resolução de conflitos, contribuindo, assim, para a melhora da qualidade de ensino e de aprendizagem e evitando que problemas comuns ao cotidiano cresçam e se desdobrem em desfechos graves.

CAPÍTULO 1 - Perfil

- Os professores são, no geral, jovens: três quartos (75%) dos docentes têm até 45 anos. Isto contraria a tese do envelhecimento da profissão e mostra que os jovens continuam a entrar para a docência. (ver anexo 2).
- O ambiente escolar está repleto de indivíduos das mais variadas idades e gerações, raças e identidades de gênero e sexualidades, o que complexifica as relações sociais. Estes múltiplos elementos e interações devem ser levados em conta ao se pensar as dinâmicas que acontecem nas escolas.
- Pôde-se perceber, também, que a escola é um ambiente ocupado majoritariamente por mulheres, estejam elas na posição de alunas ou de professoras. Ao mesmo tempo, a presença de homens também deve ser considerada, já que as diferenças proporcionais entre os sexos, especialmente no tocante aos estudantes, são relativamente pequenas.
- Percebe-se que, em sua maioria, os alunos não têm acesso a muitas atividades culturais: 97,1% nunca freqüentaram, ou freqüentam pouco, a teatros, o que acontece também com museus (94,7%), cinemas (87,2%) e shows musicais (76,4%). Atividades culturais menos ortodoxas tampouco parecem ser rotineiras, apesar de mais usuais: 48,2 % dos alunos/as afirmaram ir nunca ou pouco a lanchonetes, 56,6% a atividades religiosas, 67,7 % a bailes e festas e 90,5% a bares. (ver anexo 5).
- Entre os professores as atividades culturais também são raras: 89,1% deles disseram ir nunca ou pouco a teatros. O mesmo acontece com museus (82,2%) e cinemas (78,6%) (ver anexo 5). Algumas das atividades de cultura e lazer praticadas pelos docentes tendem a diferir das dos alunos, principalmente na preferência pela leitura de livros e revistas – 77,4% deles disseram ler muito ou sempre. As outras duas atividades mais citadas foram ouvir música (71,4%) e ficar no computador (53,1%). Ir a *shopping centers*, ver filmes, TV e praticar esportes têm uma freqüência média: 31,3 % afirmaram praticar esportes muito ou sempre, 41% disseram o mesmo sobre assistir TV e 42,7% sobre ver filmes (ver anexo 5).
- Portanto, tanto alunos como professores têm pouco acesso às atividades de cultura, esporte e lazer. Isto indica a relevância da oferta de serviços de tais tipos por parte do Estado, diante do fato de que o acesso à cultura, ao esporte e ao lazer pode ter papel fundamental na redução das desigualdades culturais e econômicas.

- Percebe-se que apesar de pouco mais da metade dos alunos morar com uma família de estrutura tradicional – ou seja, com pai e mãe –, a família de quase 50% dos alunos não corresponde a esse modelo. Assim, é indispensável atentar para a pluralidade de arranjos familiares, respeitando e dando voz a todos, em vez de incorrer em discriminações contra famílias que se afastam do modelo tradicional. Causa controvérsias presumir que, por se afastar do modelo pai-mãe-filhos, os outros tipos de família são desestruturados, assim como não é acurado afirmar que, por se tratar de família dentro do modelo, ela não apresenta conflitos e contradições internas que podem causar sofrimento a seus componentes. Escola e família são instituições paralelas, pertencentes a diferentes âmbitos da vida social. São elas as principais agências socializadoras de crianças, adolescentes e jovens, onde iniciam o processo longo e contínuo de aprendizagem. Assim, é crucial que essas duas instituições estabeleçam e mantenham um diálogo que envolva trocas e respeito mútuo.

ESCOLA

- A pesquisa adotou uma noção abrangente de *violência*, procurando identificar não apenas manifestações da dita violência “dura”, mas também de manifestações de violência simbólica e microviolências. Quanto a estas últimas, verifica-se uma alta porcentagem de alunos que constataram a presença (entre 2006 e 2008) de agressões verbais e xingamentos em suas escolas: 74,9% (ver anexo 13).
- O número de alunos que alegou ter sofrido xingamentos e agressões verbais nas escolas é de 45,3%. A frequência dos que já praticaram este tipo de violência é menor: 31,3% afirmaram ter praticado xingamentos ou agressões verbais e 11,4% afirmaram que ofenderam as famílias dos colegas (ver anexo 14).
- Em relação à percepção sobre a escola, muitos alunos consideram a escola boa, percebendo-a como um espaço de aprendizagem que possui bons professores e onde vínculos de amizade podem ser estabelecidos.
- Os alunos declararam que a opção de frequentar a escola decorre de sua própria vontade, e não de obrigações por parte da família, já que descreveram a escola como um meio de mobilidade social. O espaço escolar parece ser um local sobre o qual existe muito investimento tanto por parte das famílias como, especialmente, dos próprios alunos.
- As atividades que trazem formas inovadoras e criativas de trabalhar os conteúdos em sala de aula são bastante apreciadas, sendo consideradas aquelas que fazem com que os alunos se interessem pela escola e pela disciplina ministrada. Também foram consideradas relevantes para um bom clima escolar as atividades extraclasse de cultura, esporte e lazer. Outros elementos apontados, para a construção de um ambiente favorável ao aprendizado, foram a segurança, a organização, o conforto, a limpeza e o aspecto físico das escolas.
- Entretanto, os alunos e professores fizeram várias críticas à infraestrutura das escolas: há grande quantidade de alunos por sala de aula, o que gera falta de espaço; há escassez de salas de informática e laboratórios bem como os equipamentos necessários para seu funcionamento; as bibliotecas são pouco estruturadas e o ambiente escolar é visto como mal conservado. Estes fatores foram citados como causadores de impactos negativos sobre a escola.
- A maior parte dos alunos considera os professores competentes, de maneira geral, porém muitos deles acham que o número de docentes é insuficiente ou que estes faltam muito às aulas.
- Quanto às relações interpessoais nas escolas, foram relatados – tanto por professores como por alunos – agressões verbais, como xingamentos, ofensas e humilhações, além de agressões físicas provenientes das duas partes. Quase metade (45,3%) dos estudantes relatou ter sofrido xingamentos e 31,3% relataram ter realizado xingamentos contra professores e alunos nas escolas.

- O xingar pode ser uma forma de tratamento comum entre duas pessoas que se conhecem. Além disso, pode representar um tratamento mútuo. Serve também para ameaçar os outros, demonstrando indignação com uma situação tida como injusta. Ainda, agredir verbalmente o outro é uma forma comum de se iniciar uma briga, já que é muito fácil se ofender, ou demonstrar a raiva com determinada situação. Assim, xingamentos são meios violentos de estabelecer relações de agressão mútua, quase de competição para estabelecer quem consegue ter um desempenho melhor ao ofender o outro. Mesmo quando o xingamento se traduz na brincadeira de colocar apelidos nos outros, não deixa de ser ofensivo.
- Mais da metade dos alunos tem a opinião de que os docentes não são (ou são pouco) justos, acreditando que estes apresentem posturas muitas vezes arbitrarias. De modo geral, os alunos esperam que os professores sejam eficazes, respeitosos, compreensivos e abertos ao diálogo. A amizade é apontada pelos alunos como qualidade de um bom professor. Na opinião dos estudantes, este tipo de sentimento proporcionaria e respeito nas interações sociais.
- As relações entre alunos e a equipe de direção, por sua vez, são variadas. Foi bastante enfatizada a necessidade de que as duas instâncias dialoguem mais, e que a voz dos alunos seja efetivamente levada em conta.
- As condições de trabalho e as relações sociais deterioradas foram apontadas como causadoras de insatisfação e frustração profissional, acarretando problemas de saúde em vários professores.
- Os docentes também apontaram que muitas vezes a relação entre eles e equipe de direção é marcada pelo autoritarismo dos gestores, que não levam em consideração suas opiniões e conhecimento nos momentos de tomada de decisão nas escolas.
- Em relação às regras escolares, muitos alunos as consideram unilaterais. Os estudantes disseram não conhecer suas razões e tampouco participar de discussões a este respeito. Embora sejam fundamentais para o bom funcionamento da escola, as regras tendem a funcionar de modo mais efetivo quando são amplamente conhecidas e fazem sentido para os que são por elas regidos, sendo assim respeitadas e cumpridas. Ademais, é essencial que as regras não se revertam na negação dos símbolos juvenis (tipos de roupas, bonés), respeitando as culturas de que os alunos são parte. Se as regras não são aceitas, especialmente pelos alunos, as punições soam como injustas.
- Vários docentes reclamaram do fraco envolvimento das famílias dos alunos com a escola. Averiguou-se que algumas posturas adotadas pelos estabelecimentos de ensino podem servir de barreira para tal aproximação. São recorrentes, por parte da escola, atitudes que alinham os novos arranjos familiares (ou modelos divergentes do tradicional) ao estigma de famílias desestruturadas, rotulando negativamente, por sua vez, os familiares e os próprios alunos.
- As relações entre alunos e a equipe de direção são variadas. Foi bastante enfatizada a necessidade de que as duas instâncias dialoguem mais, e que a voz dos alunos seja efetivamente levada em conta.
- As condições de trabalho e as relações sociais deterioradas foram apontadas como causadoras de insatisfação e frustração profissional, acarretando problemas de saúde em vários professores.
- Os docentes também apontaram que muitas vezes a relação entre eles e equipe de direção é marcada pelo autoritarismo dos gestores, que não levam em consideração suas opiniões e conhecimento nos momentos de tomada de decisão nas escolas.
- Em relação às regras escolares, muitos alunos as consideram unilaterais. Os estudantes disseram não conhecer suas razões e tampouco participar de discussões a este respeito. Embora sejam fundamentais para o bom funcionamento da escola, as regras tendem a funcionar de modo mais efetivo quando são amplamente conhecidas e fazem sentido para os que são por elas regidos, sendo assim respeitadas e cumpridas. Ademais, é essencial que as regras não se revertam na negação dos símbolos juvenis (tipos de roupas, bonés), respeitando as culturas de que os alunos são parte. Se as regras não são aceitas, especialmente pelos alunos, as punições soam como injustas.

- Vários docentes reclamaram do fraco envolvimento das famílias dos alunos com a escola. Averiguou-se que algumas posturas adotadas pelos estabelecimentos de ensino podem servir de barreira para tal aproximação. São recorrentes, por parte da escola, atitudes que alinham os novos arranjos familiares (ou modelos divergentes do tradicional) ao estigma de famílias desestruturadas, rotulando negativamente, por sua vez, os familiares e os próprios alunos.

CAPÍTULO 3 – PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO

- A escola é um dos principais espaços de encontro e convivência, especialmente para crianças, adolescentes e jovens de diferentes níveis e grupos sociais. Isso acarreta relações cotidianas entre indivíduos com diferentes valores, crenças e visões de mundo. Assim, o ambiente escolar não apenas constrói diversas dinâmicas de interação, como também reproduz (e, em alguns casos, ressignifica) aquelas dinâmicas preexistentes. Nesse sentido, relações baseadas no preconceito e na discriminação são também repetidas e reformuladas nas escolas.
- Mais da metade dos alunos (53,4%) relatou já ter visto discriminação nas escolas. Uma quantidade menor, porém expressiva, relatou já ter sido discriminada no espaço escolar (23,4%).
- Dados parecidos foram encontrados entre os professores: 52,8% disseram já ter visto discriminação e 16% relataram ter sofrido discriminação nas escolas.
- Condições socioculturais e econômicas, além de identidades sexuais e os significados atribuídos aos diversos sujeitos são chaves para se compreender as brigas, humilhações e exclusões que acontecem nos pátios e salas de aula dos colégios. Os alunos relataram que já sofreram diversos tipos de discriminação: 13,9% relataram ter sofrido discriminação pelas roupas usadas; 12,6% relataram a raça/cor como causa da discriminação; 11,3% sofreram por causa da vinculação religiosa; 10,5% apresentaram a região de origem como motivadora do preconceito; 6,1% disseram que a pobreza era o motivo da discriminação sofrida e 3,9% relataram que ser ou parecer homossexual era a causa.
- Sobre a discriminação existente por ser ou parecer homossexual, ao contrário da pequena porcentagem de alunos que alegou ter sofrido por causa desse preconceito, ele é relatado como o tipo de discriminação mais visto pelos alunos e alunas no cotidiano da escola é referente a ser ou parecer homossexual. Mais da metade (63,1%) dos jovens estudantes do Distrito Federal alega já ter visto pessoas tidas como homossexuais sofrerem preconceito. Os professores confirmam a presença de discriminação contra homossexuais. Mais da metade dos professores disse já ter presenciado cenas discriminatórias contra homossexuais nas escolas (tabela 3.2).
- Para os profissionais e estudantes da escola, as roupas, assim como o jeito ou a forma de se comportar, fornecem indicadores da homossexualidade. Portanto, não é preciso se assumir homossexual publicamente para que a discriminação aconteça. O aparentar homossexual já é motivo suficiente para justificar as chacotas, os insultos e as humilhações.
- Pessoas tidas como homossexuais também podem sofrer agressões físicas. Se a maior parte das brigas entre estudantes relatadas por professores e alunos acontece na porta das escolas, os insultos e as agressões físicas contra homossexuais podem acontecer tanto dentro quanto fora dos muros escolares. Diversos casos de brigas dentro das escolas foram relatados, assim como um caso de assassinato de um estudante homossexual nos arredores da escola.
- Foi constatado que, nas escolas, diversas situações causam constrangimento, magoam, ferem a dignidade e geram baixa autoestima dos estudantes afetados pelas violências. Além disso, essas relações sociais permeadas pela homofobia causam constantes trocas de estudantes de sala, mudanças de escola, abandono e reprovações, com impacto direto no fracasso escolar de alunos homossexuais ou tidos

como homossexuais. Não há indícios de que a homofobia tenha sido trabalhada em salas de aula, diante do fato de alguns professores proferirem discursos e demonstrarem comportamentos discriminatórios ou intolerantes. Ainda, as escolas não dispõem de mecanismos que amparem as queixas e denúncias dos alunos, imperando a “lei do armário”: homossexuais são pensados como aceitos desde que não demonstrem a homossexualidade.

- As escolas públicas do Distrito Federal apresentam diversificado perfil racial de professores e alunos. A maior parte dos estudantes (45,4%) se declarou parda, em comparação a 22,4% de brancos e 13,3% de negros. Outras inscrições raciais como amarelos e indígenas aparecem como minoria: 5,2% e 3,4%, respectivamente. A porcentagem de estudantes que declararam não saber sua raça/cor ou declararam “outra”, sem especificar qual, é muito próxima: 5,3% e 5,1% respectivamente.
- Dentre os professores (tabela 1.7), a maioria se autodeclarou de cor branca (42,3%), para 37,5% de pardos, 10,8% de negros. Em menor proporção, 3,6% se declararam amarelos, 2,7% disseram pertencer à outra raça ou cor não especificada, e 2,2% disseram não saber a qual raça pertencem. Minoritariamente, 1% dos docentes se declarou indígena.
- Em uma comparação simples, mais professores do que alunos se reconheceram como brancos, e a proporção de docentes que se considera negra é menor do que a de estudantes. Mais alunos que professores se declararam indígenas e, também, mais alunos disseram não saber a qual raça pertencem. Esses dados demonstraram que não parece ser por simples acaso que o perfil racial dos professores mostre mais docentes brancos do que pardos, negros e indígenas. Para que haja acesso a essa profissão, é necessário educação em nível superior, além de ser aprovado em concurso público, duas coisas que exigem longa permanência no sistema educacional.
- Não só os estudantes, como também os professores e a equipe da direção, relataram já haver presenciado situações de discriminação por motivo de raça/cor. As falas dos professores vão além da simples constatação da existência do preconceito e apontam, também, para situações de constrangimento e exclusão de pessoas negras do convívio social, com prejuízo para a vida escolar.
- Os estudantes também relataram situações de exclusão social de pessoas negras nas escolas, confirmando a percepção dos professores sobre o problema. Tanto os alunos quanto os professores comentaram sobre situações escolares e não-escolares, em que as pessoas negras são preteridas (como na escola de meninas/meninos para amizade ou namoro).
- Como as respostas dos estudantes apontam, a interpretação de inferioridade das pessoas negras e pardas gera insultos constantes que as empurram para a sujeição. A ofensa racial cria uma identidade social estigmatizada, negativa, com profundos impactos na subjetividade dos sujeitos. A população negra é remetida para classes desvalorizadas (pobres, favelados), além de localizados simbolicamente no terreno da sujeira e da criminalidade.
- A convivência racial em meio à diversidade de raças/cores nem sempre é harmoniosa, evidenciando a intolerância e a estigmatização. Múltiplas vivências de situações de racismo foram relatadas por todas as categorias de pessoas entrevistadas: professores, estudantes e equipe da direção. É consenso, portanto, que o preconceito e a discriminação raciais estão presentes na convivência nas escolas e que somente a distribuição de renda não é capaz de acabar com a desigualdade por motivo de raça ou cor, como propõem alguns autores. Nota-se que os insultos contra pessoas negras são cotidianos e têm como objetivo colocá-las no lugar social a que elas são relegadas: a pobreza, a criminalidade, a marginalização, a sujeira ou, o que é pior, retirá-las do mundo social remetendo-as para a esfera da animalidade.
- No estudo, a incidência desse tipo discriminação, sobretudo pela perpetuação de estereótipos sociais, foi reconhecida em todas as Regionais de Ensino – tanto por alunos quanto por professores e equipe de direção.

- Observa-se que, na discriminação pela pobreza, uma ampla gama de signos de distinção é acionada em processos de estigmatização/marginalização de indivíduos ou grupos, criando-se um sistema classificatório a partir do qual determinados hábitos e bens de consumo podem ser valorizados ou desvalorizados. As percepções sociais em torno de iniquidades econômicas, por sua vez, podem expressar preconceitos classistas.
- Quando se trata dos estabelecimentos de ensino do DF, determinados aspectos e atributos, lidos a partir de códigos de categorias coletivamente traçados, ganharam especial atenção. Nesse ponto, foi possível afirmar que se destacaram 1) o material escolar utilizado; 2) a ocupação profissional dos pais (ou dos próprios alunos); e 3) o local de moradia. De um modo geral, a pesquisa demonstrou que não são raros os apelidos endereçados àqueles considerados os mais pobres, inseridos em uma dinâmica que reatualiza uma óptica elitista através da qual o outro é apreendido. Nas relações entre alunos, as vítimas desse tipo de preconceito costumam receber ofensas verbais variadas. Há, também, adoção de apelidos e termos pejorativos referentes aos locais de moradia, geralmente com relação às áreas da cidade consideradas mais carentes. A dimensão espacial da desigualdade é, assim, assimilada de acordo com um mapa socialmente forjado que diferencia as várias partes do tecido urbano depreciando setores habitacionais específicos e estigmatizando os seus moradores.
- Os alunos são também estigmatizados pela associação entre comunidades pobres e locais violentos, de concentração do narcotráfico e outras ações criminosas. Há alunos que comentam já terem sido discriminados por morarem onde dizem *que só tem malandro* e *que é cheio de vagabundo*. A poluição simbólica imprimida a essas regiões parece atingir os seus moradores e inculcar a todos o risco de serem eventualmente confundidos com estereótipos relacionados à malandragem e ao crime.
- Nota-se que, em um meio onde há uma supervalorização do dinheiro e da aparência, aqueles que não se conformam aos padrões do “bem vestido” correm o iminente risco de serem desqualificados por seus pares. O forte vínculo estabelecido entre aceitação social e padrão de consumo, especialmente tendo em vista o público juvenil, sugere o quanto as marcas do consumismo são reproduzidas também no ambiente escolar.
- Outro tipo de discriminação pela qual alguns alunos passam é em relação à sua origem regional: estudantes provenientes de outros estados são excluídos ou desrespeitados por essa razão. No geral, as regiões consideradas mais pobres são justamente aqueles que costumam ser os principais alvos de discriminação.
- O preconceito de origem regional parece recair majoritariamente na relação com os sujeitos identificados como nordestinos.
- Outro preconceito percebido foi contra alunos que vêm de lugares interioranos. Morar no interior tem um status diferente de morar na cidade: a zona urbana é vista como a de mais recursos de tecnologia e educação, e os da zona rural são associados a serviços braçais e postura provinciana.
- A escola é o espaço onde se encontram indivíduos com diferentes crenças e identidades religiosas, convivendo e se relacionando cotidianamente, embora essa convivência nem sempre seja harmoniosa. Um número considerável de professores e alunos – principalmente os que se autoidentificaram como batistas, presbiterianos, metodistas e adeptos do candomblé – constataram a ocorrência de discriminação pela religião.
- Ressalta-se que a discriminação às religiões de matriz afro-brasileira é frequente em diversos ambientes na sociedade brasileira e que, no caso das escolas, os adeptos do candomblé foram os que mais reportaram haver sofrido discriminação religiosa. Os evangélicos, por sua vez, sofrem com o estigma de santinho, como se o simples fato de seguir determinada religião colocasse a pessoa no âmbito do ascetismo. De qualquer modo, não apenas a legitimidade de várias crenças não é reconhecida, como também isso reverbera na visão corrente sobre os seus seguidores.
- Os estudantes e profissionais também relataram situações de humilhação e segregação de colegas com deficiência. Os dados, quanto a esse tópico, se mostraram

inquietantes, tendo sido relatada não apenas a existência de práticas como exclusão e agressão verbal, mas também de falta de atenção e capacitação profissional, violações de direitos e dignidade, agressões físicas, brigas e até mesmo violência sexual.

- Estudantes e profissionais das escolas muitas vezes não estão suficientemente preparados para trabalhar com as múltiplas deficiências físicas, mentais e sensoriais dos alunos (e suas implicações) que chegam até eles. Cabe comentar que, além da falta de formação de profissionais, algumas escolas não passaram por adaptações em suas estruturas físicas, de modo a permitir a plena mobilidade de pessoas com deficiência.
- O último tipo de discriminação trabalhada foi aquela decorrente da aparência física, dirigida contra pessoas com características físicas percebidas como diferentes do ideal. Tais características giram em torno de algumas categorias principais, como a gordura (e a magreza), o cabelo e a altura, informadas por contextos e preconceitos que ultrapassam em muito as dinâmicas escolares. De fato, as discriminações por características físicas são reflexos das concepções e valores da sociedade brasileira e se relacionam intimamente com o que é considerado aceitável esteticamente. Correspondem, muitas vezes, a uma modalidade de preconceito que não é reconhecida como tal, sendo naturalizada e chamada de “brincadeira”.
- É imperioso apontar que as discriminações, na maioria das vezes, não aparecem de maneira isolada, mas sim dentro do emaranhado de relações e dinâmicas sociais. Dessa forma, os diferentes tipos de preconceito se interpenetram, coexistindo e influenciando-se mutuamente, a partir de posições diferenciadas. Assim, a discriminação religiosa tende a se vincular com o preconceito pela pobreza (grande parte dos evangélicos, por exemplo, é de classe média baixa) e com o preconceito racial (especialmente no tocante às religiões afro-brasileiras), enquanto a homofobia pode relacionar-se com questões de filiação religiosa. O racismo, o preconceito pela pobreza e a homofobia influenciam fortemente as discriminações relacionadas às características físicas, por exemplo. Tratá-las de maneira separada, assim sendo, longe de ser uma tentativa de representar a realidade de maneira estanque, apresenta-se como meio de possibilitar o aprofundamento e a análise detalhada de cada uma das discriminações.

CAPÍTULO 4 – VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

- A realidade das escolas é marcada pela existência de violências duras diversas em seu ambiente, como roubos, assaltos, agressões físicas, homicídios e presença de armas (dentro e fora dos muros dos colégios). Essas violências foram apontadas pelos alunos, professores e equipe de direção como as maiores causadoras de medo e insegurança nas instituições educacionais.
- Os índices de resposta de alunos e professores relacionados a violências duras são bastante expressivos (tabela 4.1): 69,7 % dos alunos e 71,1% dos professores afirmam já ter visto agressão física nas escolas, porcentagens que giram em torno de 69,2% e 74,2% para furtos; 63,7% e 65,0% para ameaças; e 23,3% e 33,3% para comércio ou tráfico de drogas; 31,4% e 37,2% para porte de armas brancas; e 20,5% e 22,4% para porte de armas de fogo.
- A ocorrência de outras violências “duras” foi também constatada no ambiente escolar. 27,8% dos alunos declararam ter sofrido roubo ou furto entre 2006 e 2008, ao passo que 24,1% disseram ter sofrido ameaças e 15,5% afirmaram ter sofrido agressão física. O número de alunos que declararam ter praticado tais ações é relativamente menor: 4,9% afirmaram ter cometido roubos ou furtos nesse mesmo período, enquanto 9,2% declararam ter praticado ameaças e 16,4%, agressões físicas.
- Os alunos são os principais atores das agressões físicas, havendo diferentes motivações e formas como acontecem. Existem aquelas que funcionam como ‘brincadeiras de briga’, as que são fruto de rivalidades, de provocações pontuais,

ou ainda de motivos relacionados a namorados (as). No entanto existem vários conflitos entre professores e alunos que muitas vezes têm como consequência brigas entre eles. Outros adultos também estão envolvidos nesses conflitos, tanto na intenção de resolver como sendo agredidos e agredindo.

- Algumas relações sociais que tomam parte nas escolas são baseadas em diferentes tipos de violência. É, pois, válido compreender cada tipo de situação para estabelecer as dinâmicas da agressão dentro do ambiente escolar. Há uma diferença entre a violência cometida entre semelhantes e a violência que ocorre entre aqueles separados em níveis hierárquicos. O eixo das relações entre similares é marcado pela aliança e competição, e recorrente necessidade de comprovação do merecimento de estar entre iguais. As relações hierárquicas, por sua vez, são aquelas baseadas em um sistema de estratificação – o feminino, por exemplo, não teria merecimento para participar das relações horizontais do masculino, pois não possui status pra isso. A violência que acontece nesse processo é baseada na afirmação de status e poder como manutenção de uma lógica desigual. Vale notar que as duas realidades podem ser percebidas na escola, inclusive nas relações entre alunos.
- Existem várias conjunturas que levam a agressões físicas entre pessoas de sexo diferente, sendo possível apontar para dois tipos diferentes de situação: na primeira, há desentendimento entre alunos e alunas, que acaba por desembocar em brigas. Já a outra situação envolve os casos em que os meninos, por se irritarem com provocações de variadas espécies, espancam meninas. Esse segundo tipo de ocorrência, em que o mais forte bate no mais fraco não se resume às cenas em que homens batem em mulheres, mas se repete também nas ocasiões de agressão de mais velhos contra mais novos, maiores contra menores e nas cenas de violência em que vários indivíduos se unem para bater em apenas um. Em todas estas situações, há vantagem para um dos lados, que normalmente fere gravemente o outro.
- Os arredores das escolas são considerados violentos, em especial pela alta taxa de ocorrência de assaltos e roubos que vitimizam os membros da comunidade escolar.
- Os motivos para os furtos são os mais diversos. Constatou-se, que muitos dos furtos são praticados como uma forma de adquirir bens de consumo que simbolizem status e prestígio em uma sociedade extremamente desigual.
- As ameaças configuram outro tipo de violência presente no cotidiano escolar. Sobre elas, foi apontado que é necessário um olhar mais cuidadoso ao analisar as situações em que as mesmas acontecem, atentando-se também ao conteúdo. Ameaças de morte ou de agressão física são consideradas mais graves do que ameaças de punições de ordem disciplinar, por exemplo. Existem ainda ameaças que causam medo e aquelas que não o causam.
- Cerca de um terço dos professores e dos alunos já sofreram este tipo de violência no espaço escolar. Ameaças relacionam-se profundamente com a imposição da vontade de um sobre o outro, mediante a virtualidade do poder e do uso da força. Outro motivo apontado para ameaçar é com objetivo de evitar uma delação.
- Outra questão comentada foi o fato de as escolas poderem ser atingidas pelo tráfico de drogas. De um modo geral, a expansão do tráfico relaciona-se diretamente com o crescimento da violência, atingindo as escolas e proporcionando uma sensação de insegurança que prejudica de forma acentuada o clima escolar. Parte dos estudantes relatou já ter tomado conhecimento de situações de tráfico de drogas e mais de um terço dos professores alegou saber desses casos. Ressaltou-se a dificuldade dos atores em conversar sobre o assunto, de modo que o medo inspira a lei do silêncio.
- O envolvimento com o tráfico operaria como forma alternativa de renda e, em alguns casos, prestígio, tendo alguns sujeitos apontado para existência de estudantes que eventualmente atuam como *laranjas* ou *aviõezinhos* dentro das escolas. Ao que parece, é pouco compreendida a trajetória pessoal dos

adolescentes e jovens que passaram a trabalhar no tráfico, bem como as estratégias locais de inserção nessas práticas ilícitas. Um olhar mais atento da escola torna-se fundamental para que o contato dos alunos com as drogas não tome uma proporção que possivelmente poderia ser evitada.

- Esse quadro de percepções sobre violência nas escolas, que aponta para uma distribuição das ações violentas por todo o ambiente escolar corrobora para a conformação de um clima escolar eivado de medo, o que vem ao encontro do que se convencionou chamar de “cultura do medo”, vigente em várias esferas da sociedade brasileira atual.

CAPÍTULO 5 – GÊNERO E VIOLÊNCIA SEXUAL

- Foi constatado que, embora as práticas e valores pedagógicos tenham se modificado - no que se refere às relações entre os gêneros - continuam presentes determinados padrões tradicionais sobre os papéis e atividades. Nesse sentido, algumas atividades desenvolvidas no meio escolar são marcadas por ideias de que existem conjuntos de características que seriam próprias majoritariamente de homens ou de mulheres, existindo, por vezes, uma atribuição polarizada de diferenças de gênero, que tem como consequência a criação de arranjos sociais desiguais entre os alunos.
- Ao mesmo tempo em que se observa certa reificação das construções binárias para os gêneros, podem-se perceber profundas modificações nas relações sociais estabelecidas, em especial pelos alunos, no que se refere às representações sobre os papéis de gênero. Assim, embora haja continuidade de uma valorização exacerbada à valentia e ao perigo como qualidades próprias do masculino, por exemplo, tem havido transformações nos comportamentos de meninas, especialmente no que tange ao exercício da sexualidade e à resolução de conflitos por meio da violência. As transformações observadas, contudo, podem adquirir sentidos divergentes, variando desde perspectivas que as entendem como degradação dos valores morais e expressão de um padrão feminino corrompido até interpretações cujo teor parece indicar um significado de resistência e mesmo de empoderamento das mulheres.
- Ainda, os dados revelaram que tanto professores quanto alunos identificam violências sexuais dentro e fora dos muros das escolas. Percebeu-se que as dinâmicas de sedução e conquista entre os alunos podem, em determinados casos, apresentar-se como ações agressivas e que, por sua vez, expressam tentativas de subjugar o outro pela força. Importante ressaltar que embora as agressões sexuais tendam a ser dirigidas às mulheres, nem sempre esse caráter é encontrando, podendo também os meninos serem vítimas. Para modificar esta realidade de violência é preciso que as normas das escolas sejam respeitadas e, além disso, que sejam trabalhadas dinâmicas de interação entre os gêneros e os significados a eles atrelados.

CAPÍTULO 6 - INTERNET

- A internet é parte do cotidiano de muitos atores da comunidade escolar, representando um meio de interação que influencia as maneiras pelas quais os alunos se relacionam entre si, com os professores e com o próprio processo de aprendizagem.
- A internet é um espaço de interação cada vez mais expressivo e que vem se tornando parte considerável da sociabilidade de docentes e alunos. Converte-se, portanto, em um meio no qual tais atores podem estabelecer relações e construir significados conformando elemento ativo no processo de socialização de crianças, adolescentes e jovens.
- Para determinados estudantes entrevistados, a internet é entendida como um canal que facilita a realização de pesquisas escolares. Alguns relataram que ela permitiria o acesso rápido a um grande número de informações e que a rede contaria com ferramentas adequadas para a efetivação dessas buscas. Outros, por sua vez,

enfaticaram que, na ausência desse canal, seria bastante mais difícil entregar uma série de trabalhos em curto prazo.

- A frequência de acesso à internet por parte dos alunos, apesar de elevada (em média, no DF, apenas 8% dos alunos nunca acessam à internet), apresenta variação significativa entre as DREs: enquanto em Taguatinga apenas 33% dos alunos/as acessam nunca ou pouco, o índice eleva-se para 60,5% no Paranoá
- Na comparação entre alunos e professores segundo acesso à internet, percebeu-se que os professores acessam mais à internet que os alunos: 64,1% dos professores e 53,5 % dos alunos acessam muito ou sempre à internet. Como apontam os dados comentados anteriormente, a internet vem se consolidando como importante meio de estabelecimento e desenvolvimento de relações sociais. Neste contexto, apresenta-se a ciberviolência. Dentre os diversos tipos de violência praticada pela internet, os xingamentos foram os mais comuns (18,3% dos alunos afirmaram ter sofrido e 8,4% afirmaram ter praticado), seguidos por invasão de e-mail (13,6% dos alunos já sofreram e 4,4% já praticaram) e por fazer-se passar por outra pessoa (12,7 % sofreram e 8,2% praticaram).
- Alguns relatos chamaram a atenção pela gravidade da ameaça do conteúdo. Foi o caso de comentários relativos a ameaças de morte que, embora algumas vezes possa ser fruto de uma “brincadeira de mau gosto”, acabam provocando um medo real naqueles que são ameaçados.
- Um grande número de alunos demonstra ainda pouco conhecimento sobre as dimensões e consequências dos riscos relacionados ao uso da internet. São ainda poucos os profissionais de educação que apresentam conhecimento adequado sobre como orientar os alunos a fazerem um uso mais seguro da internet.
- As violências virtuais direcionadas aos docentes podem caracterizar casos ofensivos e que, por vezes, são vivenciados com bastante sofrimento. Assim como ocorre com os alunos, a vitimização por meio da internet pode trazer consequências danosas às próprias identidades sociais e imprimir marcas em suas subjetividades. Não obstante, é possível reconhecer diferenças entre os segmentos de professores e alunos, uma vez que os relatos de professores demonstraram um conhecimento nitidamente maior de direitos e de informações sobre instâncias às quais recorrer em casos de ciberviolências. Ademais, sanções disciplinares previstas pelas normas da escola, como advertências, parecem ser um instrumento eventualmente utilizado por professores para se defenderem de agressões virtuais cometidas por alunos – um instrumento cujo acesso, no caso de agressões contra alunos, não é tão fácil, embora representantes da equipe de direção possam chegar a intervir em tais casos.
- Pode-se dizer que o capítulo sobre internet representou uma inovação nas pesquisas sobre violência nas escolas no Brasil. Constatou-se, por exemplo, que mais da metade dos alunos da rede pública do DF acessam a internet com frequência, o que sugere que cada vez mais essa seja uma realidade dos jovens. Mesmo quando não possuem acesso em casa, costumam buscar outras alternativas, tais como as *lan houses* e os centros de acesso gratuito. As *lan houses* representam um ambiente de democratização do uso da internet, sendo frequentadas por grande parte dos alunos.
- É fundamental tratar a internet como espaço social real onde é possível aprender, ensinar, descobrir, mas onde também é possível violar direitos e privacidade alheios, onde é possível ocorrer ameaças, xingamentos, perseguições, ofensas e humilhações que comprometem profundamente a socialização e o bem-estar de seus usuários.

CAPÍTULO 7 – PERSPECTIVAS DE FUTURO DOS JOVENS

- Constatou-se que, ainda que ainda que as crianças, adolescentes e jovens vivenciem numerosos problemas de convivência e situações de violência, os alunos têm uma percepção positiva sobre a escola em si, desejam e estão dispostos a modificar o

ambiente escolar. Ainda, sonham com a continuidade dos estudos para garantir boas condições de vida no futuro.

- A maior parte dos alunos tende a apresentar expectativas positivas sobre seu futuro profissional, inclusive revelando vontades de exercerem atividades prestigiadas e bem remuneradas. Isso demanda a passagem pelo ensino superior, implicando perspectivas que anteveem vários anos de educação formal.
- Além da questão do futuro profissional, foram abordadas as expectativas dos alunos com relação à conjugalidade e reprodução, sendo que menos da metade dos estudantes respondeu ter vontade de casar e ter filhos. Entre o segmento masculino esse número foi maior do que o referente às mulheres, uma configuração que de certo modo contraria alguns estereótipos sociais sobre a maior inclinação feminina ao casamento e à parentalidade.
- Do lado dos professores, foram obtidas falas tanto de perspectivas positivas quanto negativas sobre o futuro de seus alunos. Aqueles que expressaram um posicionamento menos otimista se remeteram, no geral, à angústia por eles sentida diante daquelas posturas que consideram fundamentalmente conformistas.
- Para que os alunos tenham chances cada vez maiores de concretizarem suas perspectivas sobre si mesmos e as expectativas positivas que muitos professores fazem deles, é importante conceber a escola como uma instituição promotora da cidadania e comprometida com a criação de uma atmosfera de amistosidade, interesse e respeito.

CONCLUSÃO

O entendimento da realidade existente é primordial quando o intento é aprimorá-la. É neste âmbito que se enquadra a centralidade da realização de diagnósticos para a construção de projetos de intervenção e convivência, que sirvam de instrumentos de gestão. Nesse sentido, a procura por identificar o quadro no qual se dão as relações sociais é um passo importante para o empreendimento de políticas públicas cada vez mais eficientes, tornando de fato visíveis os pontos a serem trabalhados e que nem sempre podem ser acessados com facilidade. Diagnosticar as realidades das escolas, no intuito de fornecer subsídios para o conhecimento aprofundado sobre o que ocorre no seu dia-a-dia, passa a ser, assim, parte de uma ampla política de convivência escolar que aprimorará o capital técnico da escola.

Indagar sobre questões relacionadas à violência e à convivência suscita, nos sujeitos pesquisados, atitudes e reações que revelam a profunda centralidade do tema em suas vidas. De fato, estas questões não são de menor importância para os atores envolvidos nas escolas, e nem devem sê-lo quando se trata da formulação de políticas públicas.

As ações governamentais de convivência escolar vêm ao encontro das inquietações externalizadas por alunos, professores e membros da direção com relação ao tema da violência. Nesse sentido é possível construir ferramentas para que os integrantes da comunidade escolar possam lidar com este tema, aumentando sua competência e suas possibilidades de melhor compreensão e intervenção na realidade.

Os dados apontados pelo diagnóstico são parte de um quadro mais geral da situação da educação brasileira, aproximando-se das configurações de outros estados (Abramovay e Rua [coord.], 2004; Abramovay [coord.], 2005), em que se verificaram manifestações das diversas violências no ambiente escolar. A preocupação do Governo do Distrito Federal em ter uma noção concreta da incidência e das características destas violências revela não apenas o interesse em ter o domínio da realidade, mas também a vontade política de potencializar intervenções, sendo tanto mais eficazes quanto mais precisas.

Dentre as ações propostas para a consolidação de um plano de convivência escolar estão, além de um Manual lançado pela Secretaria de Educação, a promoção de cursos de formação sobre o tema para professores e coordenadores da rede pública de ensino, a fomentação de grêmios e outras formas de participação estudantil nas escolas e a realização de projetos de mediação escolar, além da continuidade das pesquisas e diagnósticos.

Anexo 1: Constituição da Amostra

Diretoria Regional de Ensino	Escolas de Ensino Fundamental (séries finais)	Escolas de Ensino Médio
Brazlândia	4	2
Ceilândia	4	2
Gama	4	2
Guará	4	2
Núcleo Bandeirante	4	2
Paranoá	4	2
Planaltina	4	2
Plano Piloto/Cruzeiro	4	2
Recanto das Emas	4	2
Samambaia	4	2
Santa Maria	4	2
São Sebastião	4	2
Sobradinho	4	2
Taguatinga	4	2
DF	56	28

Escolas com mais de 500 alunos (sempre que possível)

Total de participantes da amostra (DF)	Número Absoluto
Alunos	9.937
Professores	1.330

Pesquisados	Grupos focais/ entrevistas	Número de pessoas entrevistadas	Redações
Alunos/as	26	260	207
Professores/as	18	125	-
Membros da direção	16	48	-
Total	60	433	207

Anexo 2 : Sexo e faixa etária dos professores

Professores, segundo sexo, 2008 (%)

Sexo	Porcentagem (%)
Masculino	37,6
Feminino	62,2

Fonte: RITLA, Diagnóstico do Plano de convivência escolar ..., RITLA, 2008.

Notas: Foi perguntado aos professores: *Qual o seu sexo?*

Professores, segundo faixa etária, 2008(%)

Faixa etária	Porcentagem (%)
Até 25 anos	4,7
De 26 a 35 anos	33,6
De 36 a 45 anos	36,7
De 46 a 55 anos	17,3
Acima de 55 anos	7,7
Total	100,0

Fonte: RITLA, Diagnóstico do Plano de convivência escolar ..., RITLA, 2008.

Notas: Foi perguntado aos professores: *Qual a sua idade?*

Anexo 3 : Raça/cor auto-declarada de professores e de alunos

Comparação entre alunos e professores segundo raça/cor auto-declarada, 2008 (%)

Raça / Cor	Alunos	Professores
Parda	45,4	37,5
Branca	22,4	42,3
Negra	13,3	10,8
Amarela	5,2	3,6
Indígena	3,4	1,0
Não sei	5,3	2,2
Outra	5,1	2,7
Total	100,0	100,0

Fonte: RITLA, Diagnóstico do Plano de convivência escolar ..., RITLA, 2008.

Notas: Foi perguntado aos alunos e professores: *Qual a sua raça/cor?*

Anexo 4: Composição familiar dos alunos

Composição familiar (com quem mora)	Porcentagem (%)
Mãe e pai	51,9
Somente com a mãe	23,6
Mãe e padrasto ou pai e madrasta	10,6
Somente com o pai	2,3
Outros	11,7
Total	100,0

Fonte: RITLA, Diagnóstico do Plano de convivência escolar ...,RITLA, 2008.

Notas: Foi perguntado aos alunos: *Com quem você mora?*

Anexo 4a: Escolaridade parental – professores e alunos

Alunos e professores, segundo escolaridade paterna e materna, 2008 (%)

Nível de escolaridade	alunos		professores	
	pai	mãe	pai	mãe
Sem instrução	6,5	3,9	7,2	5,9
Até 4 série	29,1	26,6	34,8	31,6
Fundamental incompleto	8,2	8,7	8,8	9,2
Fundamental completo	10,7	11,0	7,8	8,6
Ensino Médio incompleto	7,7	8,3	5,2	5,1
Ensino Médio completo	24,2	28,2	18,6	19,4
Superior incompleto	4,3	4,3	2,9	3,8
Superior completo ou mais	9,3	8,9	14,0	16,0

Anexo 5: Atividades de cultura – professores e alunos

Alunos, segundo freqüência a atividades de cultura e lazer I, 2008 (%)

Atividade	Freqüência	
	Nunca ou pouco	Muito ou sempre
Teatro	97,1	2,8
Museu	94,7	5,2
Bares	90,5	9,6
Cinema	87,2	12,8
Shows musicais	76,4	23,6
Bailes/festas	67,7	32,2
Atividades religiosas	56,6	43,3
Lanchonetes	48,2	51,9

Fonte: Plano de Convivência Escolar ..., RITLA, 2008.

Notas: Foi perguntado aos alunos: *Com que freqüência você, nos últimos 12 meses, foi a:*

Professores, segundo freqüência a atividades de cultura e lazer I, 2008(%)

Atividade	Freqüência	
	Nunca ou pouco	Muito ou sempre
Teatro	89,1	10,9
Museu	82,2	17,9
Cinema	78,6	21,4
Atividades religiosas	54,7	45,3

Fonte: Plano de Convivência Escolar ..., RITLA, 2008.

Notas: Foi perguntado aos professores: *Com que freqüência você, nos últimos 12 meses, foi a:*

Alunos, segundo freqüência de atividades de cultura e lazer II, 2008 (%)

Tipo de Atividade	Freqüência	
	Nunca ou pouco	Muito ou sempre
Ler livros / revistas	71,4	28,6
Ir a <i>shopping centers</i>	66,9	33,1
Ver filmes em DVD/vídeo	59,7	40,4
Praticar Esportes	51,9	48,1
Ficar no computador	49,6	50,3
Ver TV	38,5	61,5
Ouvir música	19,5	80,5

Fonte: Plano de Convivência Escolar ..., RITLA, 2008.

Notas: Foi perguntado aos alunos: *Com que freqüência você costuma fazer essas atividades?*

Professores, segundo atividade de cultura e lazer II, 2008 (%):

Tipo de Atividade	Frequência	
	Nunca ou pouco	Muito ou sempre
Praticar Esportes	68,8	31,3
Ver TV	59,0	41,0
Ver filmes em DVD/ vídeo	57,3	42,7
Ir a <i>shopping centers</i>	51,9	48,1
Ficar no computador	46,9	53,1
Ouvir música	28,6	71,4
Ler livros / revistas	22,6	77,4

Fonte: Plano de Convivência Escolar ..., RITLA, 2008

Notas: Foi perguntado aos professores: *Com que frequência você costuma fazer essas atividades?*

Anexo 6 : Acesso à internet – alunos por DRE

Alunos, por DRE, segundo frequência de acesso à internet, 2008 (%):

DRE	Frequência – uso da internet	
	Nunca ou Pouco	Muito ou Sempre
Brazlândia	46,0	54,0
Ceilândia	44,9	55,0
Gama	42,5	57,5
Guará	42,4	57,6
Núcleo Bandeirante	40,4	59,6
Paranoá	60,5	40,0
Planaltina	47,7	52,4
Plano Piloto / Cruzeiro	39,0	61,0
Recanto das Emas	52,6	47,5
Samambaia	47,5	52,6
Santa Maria	48,5	51,5
São Sebastião	58,1	41,8
Sobradinho	47,7	52,3
Taguatinga	33,0	64,5
DF	46,5 (85.938)	53,5 (98.907)

Fonte: Plano de Convivência Escolar ..., RITLA, 2008

Notas: Foi perguntado aos alunos: *Com que frequência você usa a internet?*

Alunos, segundo frequência de acesso à internet, 2008 (%)

Acesso à internet	Frequência				Total
	Nunca	Pouco	Muito	Sempre	
Alunos	8,0	38,5	24,4	29,1	100

Fonte: Plano de Convivência Escolar ..., RITLA, 2008

Notas: Foi perguntado aos alunos e professores: *Com que frequência você usa a internet?*

Professores, segundo frequência de acesso à internet, 2008 (%)

Acesso à internet	Frequência				Total
	Nunca	Pouco	Muito	Sempre	
Professores	3,9	32,1	28,6	35,5	100

Fonte: Plano de Convivência Escolar ..., RITLA, 2008

Notas: Foi perguntado aos professores: *Com que frequência você usa a internet?*

Comparação entre alunos e professores, segundo frequência de acesso à internet, 2008 (%)

Acesso à internet	Frequência		Total
	Nunca ou pouco	Muito ou sempre	
Alunos	46,5	53,5	100
Professores	36,0	64,1	100

Fonte: Plano de Convivência Escolar ..., RITLA, 2008

Notas: Foi perguntado aos alunos e professores: *Com que frequência você usa a internet?*

Anexo 7: Ciberviolência

Alunos, segundo ciberviolência praticada e sofrida, 2008 (%)

Ciberviolência	Praticou	Sofreu
Ameaça	3,5	7,6
Invasão de e-mail	4,4	13,6
Fazer-se passar por outra pessoa	8,2	12,7
Xingamento	8,4	18,3

Fonte: Plano de Convivência Escolar ..., RITLA, 2008

Notas: Foi perguntado aos alunos: *Você já utilizou a internet para / Assinale o que já aconteceu com você, por meio da internet:*

Professores, segundo ciberviolência sofrida, 2008 (%)

Ciberviolência	Porcentagem (%)
Foi ameaçado por algum aluno	2,0
Algum aluno se fez passar por você	0,8
Algum aluno fez fofocas maldosas sobre você ou espalhou segredos seus	2,3
Foi xingado por algum aluno	5,3
Algum aluno divulgou fotografias suas sem autorização	4,7
Algum aluno divulgou vídeos seus sem autorização	1,3
Seu e-mail foi invadido por algum aluno	1,4
Já foi chantageado por algum aluno	1,7

Fonte: Plano de Convivência Escolar ..., RITLA, 2008

Notas: Foi perguntado aos alunos: *Assinale o que já aconteceu com você, por meio da internet:*

Anexo 8: Drogas já utilizadas pelos alunos

Alunos, por sexo, segundo drogas já utilizadas, 2008 (%)

Drogas já utilizadas	Respondentes do sexo masculino	Respondentes do sexo feminino	Média total
Maconha	8,6	4,9	6,6
Cocaína	4,7	2,9	3,7
Rupinol	3,6	2,4	2,9
Cola e/ou outros inalantes	2,8	1,2	2,0
Ecstasy	2,4	0,8	1,5
Merla	2,1	0,7	1,3
LSD	2,1	0,6	1,3
Crack	1,7	0,5	1,1
Drogas injetáveis	1,6	0,5	1,0

Fonte: Plano de Convivência Escolar..., RITLA, 2008

Nota: Foi perguntado aos alunos: *Se você já utilizou ou utiliza drogas, assinale quais:*

Anexo 9: Bebidas alcoólicas

Alunos, por DRE, segundo frequência de consumo de bebidas alcoólicas, 2008 (%)

Professores, segundo opinião sobre consumo de bebidas alcoólicas por parte dos alunos, 2008 (%)

DRE	Frequência				
	Quase todo dia	Todos os finais de semana	Raramente	Não bebo	Total
Brazlândia	0,4	4,0	20,1	75,5	100
Ceilândia	1,1	3,8	25,2	70,0	100
Gama	0,7	3,9	21,1	74,3	100
Guará	1,7	10,6	22,1	65,6	100
Núcleo Bandeirante	1,0	5,1	22,2	71,6	100
Paranoá	0,9	4,6	16,7	77,8	100
Planaltina	0,8	8,6	18,6	72,0	100
Plano Piloto/Cruzeiro	1,3	5,3	20,6	72,8	100
Recanto das Emas	0,7	5,0	19,1	75,2	100
Samambaia	0,1	5,5	21,8	72,7	100
Santa Maria	0,8	8,2	21,9	69,0	100
São Sebastião	0,3	3,7	24,1	71,9	100
Sobradinho	1,6	7,1	28,0	63,3	100
Taguatinga	1,1	5,2	27,2	66,5	100
DF	0,95	5,7	22,1	71,3	100
Opinião sobre quantos de seus alunos costumam consumir bebidas alcoólicas		Porcentagem (%)			
A maioria		15,9			
Alguns		50,4			
Quase nenhum de meus alunos bebe		7,1			
Meus alunos não bebem		4,6			
Não sei		22,0			
Total		100,0			

Anexo 10: Como os alunos se sentem na escola

Alunos, por DRE, segundo percepção de como se sentem, 2008 (%)

DRE	Sente-se respeitado	Sente-se inseguro	Sente-se triste	Sente-se excluído	Tem amigos
Brazlândia	53,2	24,7	13,1	9,4	86,2
Ceilândia	52,6	20,4	7,1	8,6	81,3
Gama	50,5	18,4	9,3	6,7	82,6
Guará	46,7	19,2	9,9	8,9	80,3
Núcleo Bandeirante	49,9	19,9	8,6	10,5	86,7
Paranoá	42,2	24,4	9,6	8,1	81,3
Planaltina	48,5	23,7	5,5	8,1	82,2
Plano Piloto / Cruzeiro	54,4	17,4	5,8	9,0	88,5
Recanto das Emas	48,3	20,2	8,7	8,5	82,8
Samambaia	52,5	22,1	8,4	7,9	86,3
Santa Maria	48,1	20,7	9,5	7,2	81,1
São Sebastião	48,4	20,5	9,1	6,8	82,3
Sobradinho	51,6	20,9	8,7	9,9	83,8
Taguatinga	48,3	22,6	10,9	11,3	80,8
DF	49,7	21,1	8,8	8,6	83,3

Fonte: Plano de Convivência Escolar..., RITLA, 2008

Nota: Foi perguntado aos alunos: *Na sua escola, você (assinale):*

Anexo 11: Como os professores se sentem na escola

Professores segundo percepção de como se sentem na escola, 2008 (%)

Afirmações	Porcentagem (%)
Sou respeitado	55,9
Tenho espaço para dizer o que penso	38,7
Sinto-me realizado profissionalmente	21,1
Sinto-me inseguro	20,0
Sinto-me agredido	9,7

Fonte: Plano de Convivência Escolar..., RITLA, 2008

Nota: Foi perguntado aos professores: *Como você se sente na sua escola? (assinale)*

Anexo 12: Percepção dos alunos sobre comportamento próprio e dos colegas

Alunos, segundo percepção sobre comportamento próprio e dos colegas, 2008 (%)

Tipo de comportamento	Percepção sobre o próprio comportamento		Percepção sobre o comportamento da maioria dos colegas	
	Nuca ou Pouco	Muito ou sempre	Nuca ou Pouco	Muito ou sempre
Prestar atenção nas aulas	27,9	72,2	72,8	27,2
Manter uma relação de confiança com outros colegas	35,0	65,0	61,6	38,3
Agredir fisicamente outros colegas	96,8	3,1	73,8	26,2
Humilhar outros colegas	95,8	4,3	66,6	33,4
Respeitar os professores	10,0	90,0	69,4	30,6
Humilhar os professores	97,3	2,7	85,8	14,2

Fonte: Plano de Convivência Escolar...,2008

Nota: Foi perguntado aos alunos: *Como você descreve o comportamento da maioria dos alunos? / Como você descreve o seu comportamento?*

Anexo 13 : Microviolências ocorridas

Alunos, por DRE, segundo microviolências que sabem que ocorreram na escola entre 2006 e 2008, 2008 (%)

DRE	Tipo de microviolência	
	Xingamentos/ agressão verbal	Ofensas as família
Brazlândia	82,0	58,7
Ceilândia	76,5	48,8
Gama	63,5	44,9
Guará	75,6	41,1
N. Bandeirante	78,4	49,3
Paranoá	76,2	55,9
Planaltina	73,8	47,7
Plano Piloto / Cruzeiro	78,8	51,9
Recanto das Emas	70,8	42,7
Samambaia	76,8	46,7
Santa Maria	74,6	47,4
São Sebastião	74,5	46
Sobradinho	77,2	47,2
Taguatinga	71,2	45,4
DF	74,9 (138.506)	48,1(88884)

Fonte: Plano de Convivência Escolar ..., RITLA, 2008

Notas: Foi perguntado aos alunos: *Marque tudo que você sabe que acontece atualmente ou já aconteceu na sua escola entre 2006 e 2008?*

Anexo 14: Microviolência praticada e sofrida

Alunos, por DRE, segundo microviolências que praticaram ou sofreram na escola entre 2006 e 2008, 2008 (%)

DRE	Já sofreu		Já praticou	
	Xingamentos/ agressão verbal	Ofensas às famílias	Xingamentos/ agressão verbal	Ofensas às famílias
Brazlândia	52,4	31,6	33,8	15,9
Ceilândia	43,9	28,1	33,5	10,6
Gama	42,5	20,8	29,8	7,0
Guará	42,9	27,8	35,8	15,4
N. Bandeirante	45,6	24,4	38,9	11,9
Paranoá	44,1	28,8	27,0	12,5
Planaltina	39,3	22,8	23,5	10,5
Plano Piloto / Cruzeiro	48,8	30,3	39,7	11,0
Recanto das Emas	42,3	23,0	26,5	11,5
Samambaia	49,8	26,8	30,0	11,8
Santa Maria	52,7	34,3	33,4	11,3
São Sebastião	41,7	24,5	26,6	9,1
Sobradinho	44,3	22,3	28,3	12,2
Taguatinga	43,6	21,2	32,4	9,6
DF	45,3	26,2	31,3	11,4

Fonte: Plano de Convivência Escolar ..., RITLA, 2008

Notas: Foi perguntado aos alunos: *Marque tudo que você sabe que acontece atualmente ou já aconteceu na sua escola entre 2006 e 2008?*

Anexo 15: Discriminação por raça/cor

Alunos, por DRE, segundo discriminação por raça/cor que sabem que ocorreu ou sofreram na escola, 2008(%)

DRE	Discriminação por raça/cor			
	Já viu acontecer na escola		Já sofreu na escola	
Brazlândia	70,2		16,7	
Ceilândia	54,3		12,0	
Gama	57,0		11,3	
Guará	51,8		13,2	
Núcleo Bandeirante	53,5		11,6	
Paranoá	60,3		13,9	
Planaltina	50,3		12,2	
Plano Piloto / Cruzeiro	53,8		12,0	
Recanto das Emas	55,7		11,0	
Samambaia	59,2		12,3	
Santa Maria	57,6		15,2	
São Sebastião	48,0		13,3	
Sobradinho	58,7		10,7	
Taguatinga	49,6		11,5	
DF	55,7 (102.885)		12,6 (23.311)	
DF (por Nível de Ensino)	62,0 (E.F)	47,2 (E.M)	14,8 (E.F)	9,7 (E.M)

Fonte: Plano de Convivência Escolar ..., RITLA, 2008

Notas: Foi perguntado aos alunos: *Que tipo de preconceito ou discriminação você já viu acontecer na sua escola/ que acontece atualmente ou já aconteceu na sua escola entre 2006 e 2008?/Que tipo de preconceito ou discriminação você já sofreu na sua escola?*

Anexo 16: Discriminação por ser ou parecer homossexual

Alunos, por DRE, segundo discriminação por ser ou parecer homossexual que sabem que ocorreu ou sofreram na escola, 2008 (%)

DRE	Discriminação por ser ou parecer homossexual			
	Já viu acontecer na escola		Já sofreu na escola	
Brazlândia		67,0		5,0
Ceilândia		67,8		4,2
Gama		61,5		5,0
Guará		59,8		4,3
Núcleo Bandeirante		67,2		4,2
Paranoá		58,7		3,7
Planaltina		60,9		4,1
Plano Piloto / Cruzeiro		60,0		1,8
Recanto das Emas		66,3		2,4
Samambaia		67,9		3,1
Santa Maria		64,3		4,1
São Sebastião		54,7		3,0
Sobradinho		67,0		5,0
Taguatinga		60,2		4,9
DF		63,1 (116.658)		3,9 (7.205)
DF (por Nível de Ensino)	60,3 (E.F.)	66,9 (E.M.)	4,2 (E.F.)	3,5 (E.M)

Fonte: Plano de Convivência Escolar ..., RITLA, 2008

Notas: Foi perguntado aos alunos: *Que tipo de preconceito ou discriminação você já viu acontecer na sua escola/ que acontece atualmente ou já aconteceu na sua escola entre 2006 e 2008?/Que tipo de preconceito ou discriminação você já sofreu na sua escola?*

Anexo 17: Discriminação por ser pobre

Alunos, por DRE, segundo discriminação por ser pobre que sabem que ocorreu ou sofreram na escola, 2008 (%)

DRE	Discriminação por ser pobre			
	Já viu acontecer na escola		Já sofreu na escola	
Brazlândia		54,1		7,2
Ceilândia		42,4		6,8
Gama		44,7		6,7
Guará		39,0		5,2
Núcleo Bandeirante		44,3		5,6
Paranoá		42,1		6,7
Planaltina		44,7		7,5
Plano Piloto / Cruzeiro		43,0		3,5
Recanto das Emas		36,3		6,9
Samambaia		34,9		5,9
Santa Maria		40,3		5,7
São Sebastião		36,7		6,9
Sobradinho		50,0		5,9
Taguatinga		40,2		5,7
DF		42,3 (78.224)		6,1 (11.364)
DF (por Nível de Ensino)	46,3 (E.F.)	37,0 (E.M.)	6,9 (E.F.)	5,2 (E.M.)

Fonte: Plano de Convivência Escolar ..., RITLA, 2008

Notas: Foi perguntado aos alunos: *Que tipo de preconceito ou discriminação você já viu acontecer na sua escola/ que acontece atualmente ou já aconteceu na sua escola entre 2006 e 2008?/Que tipo de preconceito ou discriminação você já sofreu na sua escola?*

Anexo 18: Violência “dura” ocorrida na escola

Alunos, por DRE, segundo violência “dura” que sabem que ocorreu na escola entre 2006 e 2008, 2008 (%):

DRE	Tipo de violência “dura”					
	Pichação ou depredação da escola	Agressão física	Roubo/furto	Ameaças	Ação de gangues	Comércio ou tráfico de drogas
Brazlândia	74,6	79,2	62,7	70,0	42,6	23,7
Ceilândia	81,6	67,8	73,0	64,6	38,3	25,7
Gama	75,8	63,1	69,9	60,3	38,0	31,1
Guará	68,6	71,7	60,5	60,9	38,7	21,7
N. Bandeirante	77,6	70,7	70,3	59,6	38,8	25,3
Paranoá	78,2	70,7	77,1	65,8	34,8	19,9
Planaltina	32,9	64,7	65,0	62,3	24,0	15,5
Plano Piloto /	71,2	73,6	74,1	64,4	46,2	21,2
Cruzeiro	73,6	64,6	68,9	62,9	44,2	19,1
Recanto das Emas	78,9	71,6	71,9	65,5	41,6	25,1
Samambaia	73,1	71,4	65,9	63,8	38,5	23,4
Santa Maria	63,9	68,5	76,7	65,9	41,4	22,3
São Sebastião	74,8	72,7	69,1	66,1	43,8	28,4
Sobradinho	71,0	65,9	64,0	59,9	39,7	24,0
Taguatinga	71,0	69,7	69,2	63,7	39,3	23,3
DF						

Fonte: Plano de Convivência Escolar ..., RITLA, 2008

Notas: Foi perguntado aos alunos: *Marque o que você sabe que acontece atualmente ou que já aconteceu na sua escola entre 2006 e 2008:*

Comparação entre alunos e professores segundo violência “dura” que sabem que ocorreu na escola entre 2006 e 2008, 2008 (%):

Declaram saber já ter acontecido na escola, entre 2006 e 2008	Porcentagem	
	Alunos	Professores
Pichação ou depredação da escola	71,0	74,6
Agressão física	69,7	71,1
Roubos/ furtos	69,2	74,2
Ameaças	63,7	65,0
Ação de gangues	39,3	30,9
Comércio ou tráfico de drogas	23,3	33,3

Fonte: Plano de Convivência Escolar ..., RITLA, 2008

Notas: Foi perguntado aos alunos e aos professores: *Marque o que você sabe que acontece atualmente ou que já aconteceu na sua escola entre 2006 e 2008:*

Anexo 19: Violências “duras” sofridas e praticadas no ambiente escolar

Alunos, por DRE, segundo violência “dura” sofrida no ambiente escolar, 2008 (%)

DRE	Já sofreu		
	Roubo/ furto	Ameaças	Agressão física
Brazlândia	32,8	31,1	25,2
Ceilândia	29,9	24,3	18,7
Gama	25,0	21,4	14,0
Guará	24,2	27,3	14,2
N. Bandeirante	33,0	21,9	13,5
Paranoá	26,1	21,2	13,5
Planaltina	22,8	19,7	11,3
Plano Piloto / Cruzeiro	29,4	28,3	23,2
Recanto das Emas	30,3	20,2	15,7
Samambaia	26,4	28,7	15,6
Santa Maria	31,9	25,6	16,3
São Sebastião	31,1	21,8	10,7
Sobradinho	24,0	23,4	12,6
Taguatinga	22,3	22,7	12,2
DF	27,8	24,1	15,5

Fonte: Plano de Convivência Escolar ..., RITLA, 2008

Notas: Foi perguntado aos alunos: *Na sua escola, que tipo de agressão você já sofreu (no período entre 2006 e 2008)?*

Comparação entre professores e alunos, segundo violência “dura” sofrida na escola, 2008 (%):

Já sofreu, na escola, entre 2006 e 2008	Porcentagem (%)	
	Professores	Alunos
Ameaças	26,4	24,1
Roubos ou furtos	16,5	27,8
Agressão física	7,5	15,5

Fonte: Plano de Convivência Escolar ..., RITLA, 2008

Notas: Foi perguntado aos alunos e professores: *Na sua escola, que tipo de agressão você já sofreu (no período entre 2006 e 2008)?*

Alunos, por DRE, segundo violências duras praticadas no ambiente escolar, 2008 (%)

DRE	Já praticou		
	Roubos/ furtos	Ameaças	Agressão física
Brazlândia	4,7	10,2	14,9
Ceilândia	6,5	9,4	13,9
Gama	5,8	11,5	14,5
Guará	5,1	8,7	44,0
N. Bandeirante	6,1	10,5	17,2
Paranoá	4,2	7,3	9,5
Planaltina	4,4	7,1	10,2
Plano Piloto / Cruzeiro	2,7	8,8	15,3
Recanto das Emas	3,8	7,0	17,8
Samambaia	5,3	8,3	14,6
Santa Maria	4,7	12,5	18,4
São Sebastião	5,6	8,3	9,9
Sobradinho	5,7	10,2	14,9
Taguatinga	4,4	8,8	15,1
DF	4,9	9,2	16,4

Fonte: Plano de Convivência Escolar ..., RITLA, 2008

Notas: Foi perguntado aos alunos: *Na sua escola, entre 2006 e 2008, você:*

Anexo 20 – Violência sexual

Tabela 1: Alunos segundo violências sexuais ocorridas na escola, 2008 (%)

DRE	Tipos de violência sexual				
	Tentaram beijar ou beijaram alguém à força	Tocaram ou tentaram tocar alguém (de modo sexual) à força	Tiraram ou tentaram tirar as roupas de alguém à força	Forçaram relações sexuais com alguém	Não sei
Brazlândia					35,5
Ceilândia	45,9	33,3	26,8	12,1	39,5
Gama	38,9	19,0	16,5	9,1	44,3
Guará	38,4	20,4	16,2	10,7	46,7
Núcleo	35,7	22,2	16,7	7,7	38,6
Bandeirante	40,5	22,3	19,8	8,8	43,8
Paranoá	36,7	24,6	19,2	7,7	38,4
Planaltina	42,7	21,1	17,2	7,2	39,7
Plano Piloto /	43,0	21,8	17,8	8,1	44,9
Cruzeiro	38,1	19,0	15,9	6,4	43,7
Recanto das Emas	40,2	19,9	15,9	7,7	38,4
Samambaia	41,2	24,9	22,0	9,8	48,3
Santa Maria	33,2	17,5	12,3	7,1	42,4
São Sebastião	38,1	18,1	14,6	6,9	42,8
Sobradinho	35,0	17,9	13,6	7,3	41,9
Taguatinga	39,1	21,5	17,5	8,3	
DF					

Alunos, segundo violência sexual que sabem que ocorreu na escola, 2008 (%) – Dados Expandidos

Tipo de violência sexual	Porcentagem (%)	Número expandido
Tentaram beijar ou beijaram alguém à força	39,1	72.366
Tocaram ou tentaram tocar alguém (de modo sexual) à força	21,5	39.801
Tiraram ou tentaram tirar a roupa de alguém à força	17,5	32.277
Forçaram relações sexuais com alguém	8,3	15.394
Não sei	41,9	77.393

Tab
ela

2: Professores segundo violências sexuais ocorridas na escola, 2008 (%)

Tipos de violência sexual	Porcentagem (%)
Tentaram beijar ou beijaram alguém à força	26,3
Tocaram ou tentaram tocar alguém (de modo sexual) à força	22,9
Tiraram ou tentaram tirar as roupas de alguém à força	8,3
Forçaram relações sexuais com alguém	3,3
Tentaram forçar relações sexuais com alguém	3,3
Não sei	54,0

Fonte: RITLA, Diagnóstico do Plano de Convivência...,2008

Notas: Foi perguntado aos professores: *Marque o que você sabe que acontece ou já aconteceu na sua escola:*

Anexo 21: Porte de armas ocorrido

Alunos, por DRE segundo porte de armas que sabem que ocorreu na escola entre 2006 e 2008, 2008 (%)

DRE	Declaram saber já ter acontecido na escola, entre 2006 e 2008 (%)	
	Porte de armas brancas	Porte de armas de fogo
Brazlândia	44,2	19,2
Ceilândia	29,1	21,9
Gama	30,5	30,2
Guará	32,1	16,4
N. Bandeirante	31,5	18,0
Paranoá	32,1	22,6
Planaltina	27,3	18,1
Plano Piloto / Cruzeiro	32,0	18,1
Recanto das Emas	22,8	16,3
Samambaia	32,5	21,6
Santa Maria	31,3	24,0
Sobradinho	34,3	20,2
São Sebastião	30,9	21,7
Taguatinga	30,4	18,6
DF	31,4	20,5

Fonte: Plano de Convivência Escolar ..., RITLA, 2008

Notas: Foi perguntado aos alunos: *Marque tudo que você sabe que acontece atualmente ou já aconteceu na sua escola entre 2006 e 2008?*

Comparação entre professores e alunos segundo porte de armas que sabem que ocorreu na escola entre 2006 e 2008, 2008 (%)

Já viu na escola, entre 2006 e 2008	Porcentagem (%)	
	Professores	Alunos
Arma de fogo	22,4	20,5
Armas brancas	37,2	31,4

Fonte: Plano de Convivência Escolar ..., RITLA, 2008

Notas: Foi perguntado aos alunos e professores: *Marque tudo que você sabe que acontece atualmente ou já aconteceu na sua escola entre 2006 e 2008?*

Anexo 22: Porte de Armas

Alunos, por sexo, segundo porte de armas, 2008 (%)

Sexo	Levou armas de fogo	Levou armas brancas
Feminino	1,9	3,3
Masculino	4,5	8,0
DF	3,0	5,3

Fonte: Plano de Convivência Escolar..., 2008

Nota: Foi perguntado aos alunos: *Na sua escola entre 2006 e 2008, você:*

Anexo 23 – medo

Comparação entre professores e alunos, segundo medo no ambiente escolar, 2008:

Já sentiu medo	Intensidade					
	Muito		Pouco		Nenhum	
	Professor	Aluno	Professor	Aluno	Professor	Aluno
Invasão de pessoas estranhas à escola	26,9	23,0	39,4	23,3	33,8	53,7
Armas	25,7	38,7	29,4	16,2	44,9	45,1
Furto/roubo	25,6	30,2	39,7	25,8	34,7	44,0
Traficantes	24,0	32,6	27,2	17,9	48,9	49,5
Brigas	22,4	23,6	40,2	28,8	37,3	47,6
Gangues	21,0	28,1	34,7	24,4	44,3	47,5
Ameaça	20,8	27,7	31,5	21,7	47,7	50,7
Alunos	14,5	12,5	39,9	38,8	45,6	48,6
Polícia	5,2	11,0	12,7	15,4	82,0	73,5

Anexo 24: Percepção dos alunos sobre como a violência interfere nos estudos

Alunos, por DRE, segundo percepção de como a violência afeta os estudos, 2008 (%)

DRE	Porcentagem (%)			
	Qualidade das aulas diminui	O ambiente da escola fica pesado	Não sente vontade de ir à escola	Não consegue concentrar nos estudos
Brazlândia	51,6	55,2	45,4	46,4
Ceilândia	41,4	49,9	35,6	35,3
Gama	42,7	45,2	36,1	32,9
Guará	35,2	43,8	35,6	34,8
Núcleo Bandeirante	43,3	50,8	39,2	36,2
Paranoá	46,8	51,6	44,6	42,7
Planaltina	38,6	46,6	42,6	42,4
Plano Piloto / Cruzeiro	43,3	54,6	46,5	41,1
Recanto das Emas	43,7	45,9	38,8	39,0
Samambaia	42,7	48,2	40,2	39,4
Santa Maria	43,6	43,7	35,2	40,0
São Sebastião	41,3	45,8	42,5	44,2
Sobradinho	45,6	51,8	41,3	41,8
Taguatinga	37,4	46,0	36,6	31,4
DF	42,6	48,4	39,8	38,9%

Fonte: Plano de Convivência Escolar..., 2008

Nota: Foi perguntado aos alunos: *Como você acha que a violência afeta seus estudos?*

Anexo 25: Percepção dos professores acerca de como a violência interfere nos estudos

Professores segundo como a violência afeta os estudos, 2008 (%)

Como a violência afeta os estudos	Porcentagem (%)
Qualidade das aulas diminui	67,6
O ambiente da escola fica pesado	71,0
Os alunos não sentem vontade de ir à escola	55,1
Os alunos não conseguem se concentrar nos estudos	64,8

Fonte: Plano de Convivência Escolar ..., RITLA, 2008

Notas: Foi perguntado aos professores: *Como você acha que a violência afeta os estudos de seus alunos?*